

OBJETIVOS DA ENGENHARIA NACIONAL

Conferencia no Instituto de Engenharia de S. Paulo,
pelo Engenheiro ROBERTO SIMONSEN

Reproduzindo na Revista Politécnica a conferência realizada pelo ilustre Eng.º Roberto Simonsen no Instituto de Engenharia, sobre o tema supra e publicada no Boletim daquele Instituto relativo a setembro ultimo, temos em vista sua maior divulgação, uma vez que ela se nos afigura valiosa pelos conceitos emitidos, tanto aos que atualmente cursam a nossa querida Politécnica como àqueles que têm sobre si a responsabilidade de orientar os futuros engenheiros.

Embora não caiba nesta apresentação a apreciação do brilhante discurso, não podemos deixar de fazer ressaltar o trecho relativo à necessidade de atualização dos nossos cursos, orientando o engenheiro para as necessidades do momento. E' um ponto de importância vital para a vida da nossa pátria, pelo qual já nos vimos batendo ha alguns anos. E' uma necessidade sentida sobretudo pelos que operam na vida prática, e que se reflete tão incisivamente na oração do ilustre conferencista.

Excelentíssimas Senhoras,
Meus Senhores.

Seja-me permitido de início, manifestar ao digno Conselho Diretor do Instituto de Engenharia os meus sinceros agradecimentos pela distinção com que me honrou, convidando-me para presidir o cerimonial em que, pela primeira vez, se entregam os prêmios "Engenheiro Ignacio Wallace da Gama Cochrane".

Ao propôr à direção do Instituto a sua constituição, não o fiz movido apenas pelos laços de sangue e de gratidão que me prendiam ao saudoso patrono da festa de hoje. O unânime consenso com que o Conselho Diretor acolheu a idéa, afastaria, desde logo, a possibilidade dessa suposição. E' que a vida de Ignacio Wallace da Gama Cochrane, como profissional ou como cidadão, se nos apresenta com tão grande ativo de serviços à coletividade que a perene recordação do seu nome, numa casa de engenheiros,

plenamente se justifica, no debate anual de assuntos que interessam à profissão e à sociedade em geral.

Descendente, pelo lado paterno, de respeitável estirpe da velha Escóssia; herdeiro de um nome que se nobilitou nas guerras da nossa e da independência de outras nações americanas, era filho pelo lado materno, de uma Nogueira da Gama, alta linhagem de origem portuguesa, que muito se distinguia, por varios de seus membros, em grandes serviços à causa pública, no Brasil.

No começo do seculo XIX, quando o café iniciou a sua vitoriosa penetração no Vale do Paraíba, onde ia conquistar para o país o primeiro posto na sua produção mundial, acorreram àquelas regiões, de vários pontos do Brasil, principalmente da Capital Federal, das Minas Gerais e de São Paulo, homens de coragem, que assim se tornaram os pioneiros na abertura dos difíceis sertões dos "desertos das montanhas".

Das Minas Gerais, principalmente, vieram os descendentes dos bandeirantes que ainda possuíam escravos e outros bens, procurando resarcir, na exploração de tão promissora cultura, os prejuizos e as desilusões que vinham experimentando, ha muitos anos, na mineração deficitária e numa agricultura pobre, nos antigos locais onde se haviam instalado os seus maiores, mas em que já se haviam exgotado as decantadas aluviões auríferas.

No grande vale, onde, até 1820, se contava apenas meia duzia de pequenas povoações, começaram a surgir numerosas vilas que logo se tornaram importantes pelo enriquecimento dos fazendeiros de café. Valença, antigo acampamento de índios Coroados, teve sua origem em éras mais remotas, pois ali se fundára, no tempo do Vice-rei, D. Luiz de Vasconcelos, um centro de domínio e catequese de índios, cujas correrias prejudicavam as comunicações com as Minas Gerais. Tornou-se, após 1820, um importante centro na zona cafeeira.

Para aí desceram também os Nogueira da Gama, de Minas Gerais, com os seus bens, os seus escravos, as suas montarias, abrindo fazendas de café. Filho de uma Nogueira da Gama, nasceu